

Avaliação e Aprendizagem

Campos do Serrano, ... de outubro de 1998.

Oi, Emilia, como vai?

Eu vou indo muito bem, apesar de ouvir reclamações constantes do marido e dos filhos por causa do meu envolvimento com o trabalho. Eles dizem que dou mais atenção à escola que a eles - e é assim mesmo: o trabalho me absorve...

Agradeço as dicas que você me deu sobre a HTPC. Realmente, elas estão me ajudando bastante a organizar as reuniões, assim como a bibliografia que você sugeriu.

No momento, estou bastante preocupada com o grande número de notas vermelhas que algumas disciplinas apresentaram no último Conselho Bimestral.

Entre tantos casos que discutimos, o do professor de História da 8ª série me chamou muito a atenção, principalmente porque ele é considerado, por seus colegas, um profissional sério e comprometido, que está sempre muito em dia com as discussões feitas em sua área. No entanto, seus alunos vêm apresentando um índice muito alto de notas vermelhas.

Na reunião do Conselho, quando começamos a discutir a 8ª série, o caso de História foi focado. O professor dessa disciplina justificou o baixo rendimento de seus alunos, dizendo que a maioria deles não sabe fazer análises e estabelecer relações entre fatos e conceitos, não sabendo sequer resumir ou interpretar textos - coisa que já deveriam ter aprendido em Português -- e portanto, que não cabe a ele ensinar, já que deve dar conta do conteúdo programado para a série, o que não é pouco.

Nesse momento, a professora de Português, discordando, argumentou que analisar, estabelecer relações, resumir e interpretar devem ser trabalhados em todas as disciplinas, não somente em Português.

O professor de História não discutiu o argumento da professora de Português e continuou dizendo que procurava garantir não só a memorização de fatos, mas, e principalmente, o estabelecimento de relações entre diferentes assuntos e conceitos. Colocou que, por estar preocupado com isso, faz questão de apresentar, especialmente nas provas, muitas questões que buscam a análise, a comparação e a extra-polação dos conhecimentos trabalhados.

Na semana seguinte a esse Conselho, tivemos Reuniões de Pais e Mestres na escola para avaliação do bimestre. Como sempre faço, estava circulando pelas salas e, ao passar em frente à sala das 8ª séries, encontrei um grupo de pais conversando com o professor de História. Alguns queixavam-se de seu trabalho, dizendo que seus filhos vão indo bem em outras matérias, menos em História, o que os preocupa. Dois ou três chegaram até a dizer que o professor não tem se interessado em entender as dificuldades dos alunos ou em ajudá-los.

Ele, por sua vez, enfatizava a importância de sua disciplina para o desenvolvimento, nos alunos, de uma consciência social mais ampla, dizia que aqueles que não conseguiam obter boas notas não se interessavam pela matéria, nem estudavam em casa. Outros pais também se colocaram a seu favor, dizendo que ele faz o que pode: "Basta ver os cadernos dos alunos, cheios de lições feitas em classe!"; "Os alunos que estão indo mal são desinteressados e indisciplinados e, provavelmente, não costumam fazer as tarefas de casa".

Entretanto, no começo desta semana, alguns dos alunos da 8ª série que estão com notas vermelhas em História também me procuraram para reclamar do professor. Falaram que suas aulas são chatas, que a maioria da classe não participa, que o livro didático é difícil de entender - e as explicações do professor nem sempre ajudam a entendê-lo - e que as provas são fogo! As perguntas exigem informações nem sempre trabalhadas em sala de aula. Alguns deles afirmaram, inclusive, que "racharam" de estudar para as provas, mas que, apesar de se sentirem preparados, as perguntas foram tão difíceis que não conseguiram ir bem.

Eu fiquei muito "encucada", preocupada com essa quantidade de queixas vindas, ao mesmo tempo, de lugares diferentes... Cheguei, até mesmo, a discutir essas coisas com meu marido... Ele falou que a escola é assim mesmo: o prêmio vai para quem se esforça... E que isso não precisava me deixar tão preocupada...

Resolvi, então, pedir os cadernos destes alunos para dar uma olhada. Observando as atividades, percebi que eram questionários com respostas transcritas do livro didático, exigindo a localização de informações - e não uma reflexão decorrente da análise ou comparação entre os fatos e os conceitos trabalhados -, e que não havia qualquer indício de correção individual ou coletiva. Ao olhar as provas, coladas no caderno, percebi que elas continham perguntas abertas que, exigindo o estabelecimento de relações entre fatos, conceitos e dados da realidade, davam margem à inúmeras interpretações e respostas, o que tornava a avaliação muito subjetiva. Como o professor pretende que os alunos possam responder tais questões se as habilidades necessárias para respondê-las não são trabalhadas regularmente?

Estes acontecimentos têm me feito pensar: Por que será que é tão difícil aceitarmos que os resultados obtidos por nossos alunos dependem, em boa parte, do trabalho que desenvolvemos em sala de aula?

Como devo encaminhar essa questão? Afinal, ela é tão delicada, envolve tantas coisas, tantas crenças sobre a avaliação ("A nota vermelha" é um fantasma que mora no armário de muita gente!!!). Você tem alguma dica, algum texto para me indicar?

Você não acha que isso dá discussão para "um ano" de HTPC?

Um grande abraço,

Clarice

Paraíso, ... de outubro de 1998.

Amiga Clarice,

Como vai? Seus filhos e marido continuam reclamando da atenção que você dedica à escola? Eles devem estar com ciúmes... Imagino o quanto deve ser difícil dividir o tempo entre o trabalho e a vida doméstica...

Imagine quem eu encontrei na semana passada? Lembra do Paulo, aquele professor de Ciências que trabalhava na sua escola? Pois é, ele mesmo. Agora, ele também é CP, como nós. Por conta disso (e das lembranças!), conversamos "horrores". Inclusive, ele estava aflito com um problema parecido com aquele do professor de História que você contou na última carta.

Tanto minha conversa com o Paulo quanto o que você me escreveu, levaram-me a refletir muito sobre a situação do grande número de alunos com baixo rendimento em algumas disciplinas. Andei até retomando algumas leituras que fizemos no PEC (especialmente aquele texto do Philippe Perrenoud: "Não mexam na minha avaliação!"), que me ajudaram a entender algumas questões.

Comecei a pensar sobre o significado das notas vermelhas no contexto que estamos vivendo agora, colocando-me a seguinte pergunta: Uma vez que a "Progressão Continuada" não prevê a

Y 1

retenção do aluno, o que representam estas notas? Percebi, então, que hoje é necessário deslocar a discussão da reprovação para a questão fundamental da escola: a garantia de aprendizagem com qualidade para todos os alunos e a importância da atuação dos professores para que isso se concretize de fato.

Diante dessa nova realidade, com certeza, o tratamento da avaliação como julgamento final e definitivo perde o sentido, como também o uso da nota como o principal instrumento de controle. A avaliação tem que ser repensada como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, pois ela pode dar pistas para a superação das dificuldades enfrentadas por alunos e professores. Acho que esse é o foco da discussão que precisamos estar sempre retomando com os professores, para que fique cada vez mais clara a relação entre o ensinar, aprender e avaliar.

O caso que você me contou do seu professor de História, fez-me lembrar o problema que eu tinha quando precisava discutir assuntos pedagógicos com professores especialistas e que, agora, já estou conseguindo superar (aos poucos!). Percebi que alguns rejeitavam uma discussão sobre sua prática, porque eu não era habilitada na área. Fiquei, então, convencida de que precisava estudar as "visões de área" de cada disciplina do currículo, entendendo como é concebido cada campo de conhecimento, quais são seus conteúdos básicos (noções, conceitos e habilidades específicas), sua organização didática e metodológica. E, sabe, tem dado certo!!! (Ah, eu encontrei essas informações mais deta

lhadas nas propostas da CENP e no documento "Ensinar e Aprender: Construindo uma proposta para 5ºs e 6ºs séries", da SEE-SP/CENPEC).

Esse estudo me possibilitou discutir mais facilmente com os professores questões como a dissociação entre o que ele trabalha em sala de aula e cobra nas avaliações. Também me ajudou a tratar da tão alegada "falta de pré-requisitos" como causa do insucesso do aluno, pois comecei a mostrar para os professores a importância de analisa-la no contexto do processo contínuo de aprendizagem em cada área. Além disso, forneceu-me elementos para argumentar que algumas habilidades (como é o caso da escrita e da leitura) são básicas no processo de aprendizagem, devendo fazer parte da atuação pedagógica de todos, e não exclusivamente de uma determinada disciplina.

Acho que o que você fez no caso desse professor já foi um bom começo. Aqui na escola, a gente também vem sentindo que ouvir alunos e pais ajuda a compreender melhor a atuação do professor. Agora, também achei bem legal o fato de você analisar os cadernos e as provas, buscando entender o que o professor propõe aos alunos e o que espera deles e, ainda, perceber se faz alguma intervenção frente às dificuldades dos alunos.

Quando lido com situações como essa, tenho ainda feito outros encaminhamentos que talvez te interessem, apesar da minha realidade ser bem diferente da sua. Eu procuro trabalhar com o professor em duas frentes: individual e em grupo.

No primeiro caso, marcamos algumas reuniões para fazer uma análise do caminho que ele vem fazendo. Retomamos o plano de ensino, discutimos os seus critérios para a seleção dos conteúdos e para adoção do livro didático, bem como as atividades propostas. Assim, o professor vai explicitando suas concepções sobre o que ele entende por ensinar e aprender e sua visão da área, a medida que vamos analisando algumas situações de sua prática em sala de aula. Este momento favorece uma reflexão sobre a prática, em que a teoria vem, naturalmente, ajudar. É uma oportunidade importante para crescimento mútuo. Fazer esse trabalho não é fácil, por isso não é com todos os professores que consigo... Mas tenho insistido nisso...

Paralelamente ao contato individual, procuro trabalhar com o coletivo. Aproveitando a experiência da Lúcia (uma CP que conheci na Oficina da DE), consegui fazer algumas HTPCs por área, que foram muito produtivas. Tratamos não só da "Visão de Área", mas também de aspectos específicos da prática docente, especialmente as relativas à avaliação. Acho mais fácil tratar desse assunto em grupo, pois batemos de frente com a famosa "cultura da reprovação" (reprovação como fato natural, para manter o nível do ensino...) e com a questão do uso da nota como instrumento de controle e poder. Essas reuniões, além de serem uma oportunidade para troca entre pares, favorecendo o crescimento profissional, são um local privilegiado para discutirmos sobre o que chamamos de "pontos de chegada" da disciplina (na verdade, são os alvos pretendidos com seu ensino).

Você não imagina como a clareza desses "pontos" dá um norte à ação dos professores, diminuindo a ansiedade em relação ao conteúdo a ser "dado" no ano. Ajuda também a orientar a avaliação, não só do aluno como do seu trabalho. No último contato que tivemos, chegamos inclusive a pensar a respeito da participação do aluno no processo de avaliação, fazendo auto-avaliação e analisando seus erros.

Você e eu conhecemos bem como esse processo de discussão é lento. Quando você fala que é assunto para um ano de HTPC, acho que vai mais que isso... Mas o que me anima é ver professores buscando e acreditando em novas formas de trabalho.

Isso até me esquecendo de lhe dizer que também pensei muito no que me falou sobre os pais apoiando as atitudes do professor de História. Mas é isso mesmo que acontece. O Perrenoud, no mesmo texto, deixa bem claro que a família apoia as práticas tradicionais de avaliação e das relações de ensino; além do mais, a nota sempre foi o principal elemento de orientação sobre filho na escola. A gente não pode perder de vista que precisamos ter a adesão dos pais para mudar as coisas na escola... E isso é mais um trabalho para nós.

Bom, acho que já escrevi demais...

Um beijão, estou com saudades.

Emilia

SITUAÇÃO

A CP se vê frente a uma situação complexa em que pais e alunos reclamam de um professor, especialmente em razão do grande número de notas vermelhas que ele atribui a seus alunos. Este, apoiando-se nos conteúdos curriculares de sua disciplina, acredita estar fazendo bem sua tarefa e acusa seus alunos de despreparo e falta de atenção. Na verdade, todo o processo de ensino-aprendizagem e avaliação está em jogo. A discussão envolve todos os professores.

ENCAMINHAMENTOS

- Face à Progressão Continuada, professores, pais e alunos precisam compreender e se reposicionar em relação ao processo de avaliação. A função da avaliação deve(ria) ser entendida como uma ajuda ao aluno em seu processo de aprendizagem e como um instrumento de organização do trabalho do professor;
- A discussão aprofundada das relações entre ensinar, aprender e avaliar são fundamentais para a evolução do trabalho do professor;
- Trabalho com especialistas requer do CP o conhecimento das visões de cada área (conteúdos básicos, noções e conceitos) de forma que ele possa acompanhar, dar sugestões e discutir o trabalho realizado por estes professores;
- Neste acompanhamento, é importante garantir momentos de trabalho individual e em grupo (por disciplina enfocando todos os aspectos da prática docente: planejamento de ensino, adoção do livro didático, atividades realizadas em sala de aula, incluindo a avaliação dos alunos);
- Na revisão das práticas avaliativas, um dos aspectos fundamentais é a clareza do professor quanto aos alvos pretendidos com o ensino em cada área e ciclo;
- A auto-avaliação dos alunos é também uma outra forma de permitir que ele participe da revisão de seu próprio trabalho.